

Copa do Mundo de 1938: o Futebol construindo a “nação”

World Cup of 1938: football constructing the "Nation"

Felipe Morelli Machado

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RESUMO:

Este artigo analisa a Copa do Mundo de futebol disputada em junho de 1938 na França, entendida como momento emblemático para a compreensão das negociações, conflitos e tensões sociais que permearam a construção da “nação” a partir do envolvimento de figuras proeminentes do Estado Novo, imprensa esportiva e torcedores com a campanha do selecionado brasileiro. Trata-se de um episódio esportivo de grande repercussão na vida nacional e cuja mobilização em torno da seleção revela concepções distintas a despeito do “Brasil” que se fazia representar em campos franceses. Mais do que um elemento promotor de unidade, capaz de congrega - na mesma torcida - grupos sociais antagônicos e irmanar indivíduos dos mais diferentes perfis sócio-culturais, o futebol emerge neste episódio como espaço de disputas, desavenças e rivalidades que se encontram na base da edificação do sentimento nacional e da afirmação de um “estilo brasileiro” de jogar bola.

Palavras-chave: futebol; nação; Copa do Mundo.

ABSTRACT:

This article analyzes the World Cup soccer finals in June of 1938 in France, seen as emblematic moment for understanding negotiations, and social tensions that permeated the building "Nation" from the involvement of prominent figures of the New State, sports press and fans with the campaign of selected Brazilian. This is an sport episode that are highly influential in national life and whose mobilization around the selection reveals the different conceptions of "Brazil" despite that was represented in French countryside. More than one promoter element of unity, able to congregate - in the same Twisted - antagonistic social groups and individuals from more fraternize different socio-cultural, football emerges in this episode as space of disputes, disagreements and rivalries that are the foundation of building the national feeling and the affirmation of a "brazilian" style to play football.

Key-words: Soccer; nation; World Cup.

Nelson Rodrigues traçou o seguinte comentário sobre a atmosfera vivida no Rio de Janeiro quando da estréia da seleção brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1966, disputada na Inglaterra: “... toda a cidade parou. As nossas madames Bovary, as nossas Anas Karêninas suspenderam seus amores e seus pecados, das três às seis. Os bandidos do

Leblon não assaltaram senhoras nem crianças ... Ontem ninguém era credor, ninguém era devedor. Éramos apenas brasileiros, da cabeça aos sapatos” (RODRIGUES apud MARQUES, 2000: 77).

Nas palavras do cronista e dramaturgo Nelson Rodrigues não se destaca apenas a mobilização em torno de uma partida de futebol, mas se delineia – através de seu estilo hiperbólico e irônico de criações imagéticas - o momento em que o sentimento nacional, em sua relação com o futebol, ganha os contornos mais nítidos e exacerbados, a Copa do Mundo. Mas, nem sempre foi assim.

A percepção do presente trabalho acerca do potencial aglutinador e formador da identificação nacional em torno da seleção brasileira, durante uma Copa do Mundo, remete ao momento em que o futebol repercutiu na vida nacional em dimensões até então jamais vivenciadas: a Copa do Mundo da França de 1938:

João Pessoa - A irradiação do jogo Brasil x Polônia, foi ouvida nesta capital com o maior entusiasmo e interesse. O governo e as sociedades recreativas mandaram instalar nos principais logradouros públicos, poderosos alto-falantes. Assim o povo paraibano, vibrando de entusiasmo acompanhou a sensacional luta de football. A vitória dos brasileiros motivou grandes demonstrações de alegria, por parte da população. - Recife – Grande quantidade de povo aglomerou-se nas portas dos cafés e nas praças públicas, ouvindo ontem, a irradiação do jogo, Brasil x Polônia. A vitória final dos brasileiros foi recebida com delirantes manifestações de regozijo. -Vitória – A partida de futebol entre o Brasil e a Polônia, ontem realizada, em disputa do Campeonato Mundial foi acompanhada pelo rádio com grande entusiasmo patriótico por toda a população desta capital. Além das pessoas que ouviram a irradiação em suas residências particulares, mas de mil pessoas se reuniram na praça Independência, onde foram instalados alto-falantes ... - Belo Horizonte – O povo vibrou intensamente sendo empolgado do maior entusiasmo quando foi anunciada a vitória brasileira. Cada lance do jogo era acompanhado de aplausos, num verdadeiro delírio popular¹.

Manifestações como essas, descritas em breves notas pelo Jornal dos Sports (RJ), atestavam o grande entusiasmo da torcida em diversos cantos do país após a dramática vitória brasileira na estréia contra a Polônia, por 6 a 5, com direito a prorrogação e à primeira grande exibição do “Diamante Negro”, Leônidas da Silva, diante do público francês². Mas a verdadeira empolgação seria, então, verificada pelas bandas de cá, onde o triunfo do escrete nacional fazia delirar e enchia de orgulho um número incalculável de torcedores espalhados pelo território nacional. Diversos alto-falantes foram instalados em vários pontos das principais cidades do país, permitindo aos torcedores que pudessem torcer e acompanhar cada lance do prélio contra os poloneses. O torcedor apoiava, aplaudia como se estivesse em

canchas francesas. Nunca até então na história das Copas a seleção estivera tão longe e ao mesmo tempo tão perto do povo.

Nas ruas da capital federal o entusiasmo não seria menor, e o relato do cronista do *Jornal dos Sports* tratava das mais inusitadas manifestações desencadeadas pela vitória brasileira no jogo-desempate contra os tchecos, que garantiu a inédita passagem à semifinal: “Foi uma coisa louca! Houve de fato algo de loucura, loucura coletiva, nas manifestações que a cidade celebrou o triunfo brasileiro. Passeatas, gritaria, ruídos de todos os gêneros, bombas, cantos patrióticos, serpentinas, confete, folhetos, papel rasgado – eis o que se viu e ouviu durante horas inteiras no cenário carioca ³”.

Alguns fatores colaboraram decisivamente para tamanha mobilização em torno do selecionado nacional. Em linhas gerais: a intensa cobertura dos jornais em torno daquele acontecimento; a transmissão direta via rádio de todas as partidas do selecionado nacional para as principais praças esportivas do país⁴; campanhas para a arrecadação de donativos destinados ao custeio das despesas da delegação - junto a bancos, indústrias e comércio; iniciativas⁵ voltadas para a aglutinação dos diferentes grupos sociais em torno do escrete brasileiro; o apoio do recém-inaugurado regime estado-novista na figura do chefe da nação, Getúlio Vargas; a pacificação do campo esportivo que permitiu à seleção pela primeira vez contar com os principais jogadores que atuavam nos clubes do Rio de Janeiro e São Paulo - com destaque para craques como o zagueiro Domingos da Guia e o avante Leônidas da Silva (ambos à época defendiam as cores do Flamengo); e o grande apoio popular verificado em manifestações coletivas registradas em diferentes pontos do país. Estes elementos fizeram da participação brasileira neste torneio uma questão de ordem e dimensão nacional.

Diferentemente do que se verificaria em 1938, nos dois primeiros mundiais a participação brasileira foi apenas discreta. Na I Copa do Mundo, disputada em 1930, no Uruguai, os conflitos envolvendo a Associação Paulista de Esportes Atléticos (APEA) e a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) monopolizaram as atenções e apresentariam um desfecho nada agradável para o escrete brasileiro, em face da recusa da CBD (então entidade máxima dos esportes no país, localizada no Rio de Janeiro) em nomear um representante da APEA para compor a comissão encarregada da organização da seleção. A negativa foi respondida pela entidade paulista com a não cessão de jogadores dos clubes a ela vinculados para a preparação do selecionado e a disputa do campeonato mundial. Com intransigência de

ambas as partes, a seleção seguiria para Montevideu sem os craques que atuavam nos grandes clubes de São Paulo. A eliminação veio logo na primeira fase, após derrota na estréia para os iugoslavos, pelo placar de 2 a 1. Mesmo vencendo os bolivianos por 4 a 0, o selecionado teve de fazer as malas, por conta da vitória da Iugoslávia sobre a Bolívia ⁶. Contudo, a crise no campo esportivo não daria trégua e a participação brasileira no mundial seguinte, disputado na Itália, em 1934, seria ainda menos empolgante. Dessa vez, o dissídio opunha partidários do profissionalismo (reunidos em torno da Federação Brasileira de Futebol - FBF) e defensores do amadorismo (representados pela CBD). Como os principais clubes do país (Vasco da Gama, Fluminense, Flamengo, América, São Paulo, Corinthians, Palestra Itália (SP) e outros) estavam filiados à FBF, a CBD (enquanto representante nacional junto à FIFA) não teve alternativa senão a de tentar contratar alguns dos jogadores profissionais pertencentes aos grandes clubes do país ⁷, assinalando com essa atitude o apagar das luzes do amadorismo nos dois grandes centros do país. Para piorar ainda mais a situação, a seleção – desentrosada e com problemas físicos decorrentes da longa viagem de 12 dias até a chegada em Gênova – teria, logo de cara, a forte seleção espanhola como primeiro adversário. A derrota por 3 a 1 ⁸ confirmava o pessimismo do qual havia se cercado aquela campanha, que se consumaria na pior participação brasileira na história das Copas do Mundo.

Nesse sentido, a pacificação do campo esportivo (que tanto havia atrapalhado na formação da seleção nos dois primeiros mundiais), definida em acordo entre as duas principais entidades do país naquele contexto, FBF e CBD, permitiria que a seleção de 1938 contasse com os maiores nomes do futebol brasileiro daquele período, algo que contribuiu para a crença da imprensa esportiva de que poderíamos alcançar um papel de protagonismo na III Taça do Mundo. Para os torcedores, a presença de craques como o então zagueiro do Flamengo, Domingos da Guia, o meia-atacante do Fluminense, Romeu Pelicciari, e o também centroavante do Flamengo, Leônidas da Silva, era a esperança de dias melhores. Pela primeira vez em uma Copa do Mundo, o Brasil se faria representar de seus melhores valores, o que ajuda a entender o enorme entusiasmo das ruas quanto àquela campanha.

Todavia, a associação entre futebol e nação naquela ocasião seria marcada por inúmeros conflitos, descompassos, descontinuidades, entre a imagem de um país ordeiro e civilizado, projetada sobre aquele grupo de jogadores por autoridades do Estado Novo, dirigentes esportivos e pela imprensa esportiva (primando pela boa propaganda da nação no

estrangeiro), e o real desejo dos torcedores de que alcançássemos o inédito título mundial, independente dos princípios que norteassem tal empreitada.

Entrementes, para uma mais clara compreensão dessa tentativa de construção de uma identidade nacional através do futebol, recorreremos ao pensamento de um dos expoentes dos Estudos Culturais Britânicos, o jamaicano Stuart Hall, para quem o conceito de “nação” deve levar em consideração não apenas a condição política de um país, mas sua existência como comunidade simbólica, representada por um conjunto de significados que tem o poder de gerar um sentimento de pertencimento nos indivíduos que a compõem. Assim, se coloca como fundamental, em sua concepção, o entendimento das culturas nacionais como discursos que produzem sentidos e, por sua vez, influenciam as ações e a representação que os sujeitos têm de si mesmos:

As culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Estes sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. Como argumentou Benedict Anderson, a identidade nacional é uma “comunidade imaginada” (HALL, 2003: 51).

O argumento de Hall - ao aludir à noção elaborada por Anderson (1989) sobre o assunto, é o de que as identidades nacionais não estão naturalmente ligadas à questão da origem do indivíduo, mas são construídas e modificadas de acordo com a representação da cultura nacional da qual este sujeito participa e se sente participante. Assim, estabelece-se a necessidade de análise das culturas nacionais não sob o pressuposto de unicidade, mas como um “dispositivo discursivo” que apresenta a diferença “como unidade ou identidade” (HALL, 2003: 62). Esse breve diálogo com Hall contribui para o entendimento de que a “identidade nacional”, no caso da Copa de 1938, emergiu como uma construção simbólica que não encontrou sua correspondência no real de forma homogênea. Por isso, referir-se à relação entre futebol e “nação”, naquela oportunidade, demanda a ênfase na construção de identidades em torno da seleção brasileira, na consideração de antagonismos que se apresentaram em diferentes sentidos de “Brasil” (construção simbólica) expressos nas manifestações de figuras do Estado Novo, dos profissionais da imprensa esportiva, e dos torcedores que se encontravam envolvidos naquela campanha.

É no contexto dos anos de 1930, onde o futebol *association* já havia perdido no Brasil seu caráter elitista face ao número cada vez maior de jogadores negros, mulatos e brancos

pobres que se destacavam nos quadros dos grandes clubes, que duas figuras da crônica esportiva protagonizaram uma sensível mudança no tratamento dado ao futebol nas páginas esportivas de jornais do país: Mario Filho (RJ) e Thomaz Mazzoni (SP). É de autoria do primeiro a obra *O Negro no Futebol Brasileiro* – prefaciada pelo sociólogo Gilberto Freyre –, clássico que abriu as portas para outra leitura da sociedade brasileira, passando pelo futebol como um de seus elementos explicativos. No entanto, a inserção de jogadores negros e mulatos no ainda fidalgo *sport* – mesmo que abordada no livro a partir de casos que demonstravam os conflitos e lutas para a superação dos preconceitos – era trabalhada por Mario Filho (RODRIGUES FILHO apud SOUZA, 2002: 198) numa perspectiva de que o futebol havia se constituído em uma expressão da “democracia social” brasileira que, no ponto de vista desse autor, seria comprovada na ascensão de jogadores e novos torcedores das camadas menos abastadas (que passavam também a afluir aos estádios):

E quem está na geral, na arquibancada, pertence à mesma multidão. A paixão do povo tinha de ser como o povo, de todas as cores, de todas as condições sociais. O preto igual ao branco, o pobre igual ao rico. O rico paga mais, compra uma cadeira numerada, não precisa amanhecer no estádio, vai mais tarde, fica na sombra, não apanha sol na cabeça, mas não pode torcer mais do que o pobre, nem ser mais feliz na vitória, nem mais desgraçado na derrota.

De todo modo, cabe aqui o registro do grande valor dessa obra, algo corroborado em sua larga utilização por autores de diferentes campos do conhecimento⁹, o que, por sua vez, também não implica o abandono de uma postura crítica quanto às concepções de futebol e Brasil nela expressas. Conforme o historiador André Mendes Capraro (2007:225), em Mario Filho há uma assumida influência da teoria freyreana. O Sociólogo pernambucano advogava no Brasil – a partir de uma originalidade sócio-etnográfica como influência da Antropologia Cultural – um novo referencial sociológico pautado na perspectiva de formação e caracterização do que ele denominara de “brasilidade”, e que teria no esporte mais popular do país – a partir de figuras de destaque como Domingos da Guia, e, principalmente, Leônidas da Silva, no contexto dos anos 1930 e 1940 – a sua reafirmação, em termos de construção de uma identidade nacional sedimentada na miscigenação. Na questão racial, em Gilberto Freyre, situa-se positivamente um aspecto formador e definidor de uma identidade “tipicamente” brasileira. Uma visão que foi afirmada pelo próprio autor em entrevista concedida ao repórter dos Diários Associados, após a vitória brasileira no jogo-desempate das quartas-de-final da Copa de 1938, contra a Tchecoslováquia. O artigo intitulava-se “*Foot-ball* mulato”:

Um repórter me perguntou anteontem o que eu achava das admiráveis performances brasileiras nos campos de Strasburgo e Bordeaux. Respondi ao repórter - que depois inventou ter conversado comigo em plena praça pública, entre solavancos da multidão patriótica na própria tarde da vitória dos brasileiros contra os tchecoslovacos – que uma das condições dos nossos triunfos, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um team fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns é certo; mas grande número pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros. ... Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar foot-ball, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de foot-ball¹⁰.

Ainda que tal identificação de um “estilo brasileiro” possua, em certo sentido, uma correspondência com a observação empírica da realidade, na medida em que nem de longe se tratava puramente de uma produção romanceada – como fruto exclusivo da imaginação e criação de Freyre –, a representatividade da teoria freyreana e da imprensa esportiva – na figura principalmente do autor de “O Negro no Futebol Brasileiro” – é determinante para a produção e circulação de uma concepção de “brasileiro” e de “Brasil” que tinha no futebol um de seus paradigmas. Opera-se uma construção de um estilo “brasileiro” de jogar futebol de “floreios dançantes”, do “samba”, da “capoeira”, da “malandragem”, da “ginga”, enquanto características de nossa herança cultural africana, sublinhada pelo sociólogo pernambucano como a positividade da integração racial, ou seja, da mestiçagem, que vigoraria na sociedade brasileira¹¹.

Por outro lado, essa não era a única visão acerca da vitoriosa campanha brasileira naquele mundial de 1938. Outra figura importante nas páginas esportivas daquele contexto, o jornalista e cronista esportivo Thomaz Mazzoni (1950) – cujo legado apresenta outro clássico trabalho sobre a trajetória de nascimento e afirmação do futebol no país, *História do Futebol no Brasil (1894-1950)* – tratava de apresentar ao leitor da seção esportiva do jornal A Gazeta (SP) as “legítimas” raízes do futebol brasileiro, em sua mais sublime feição, a paulistanidade:

A tradição vai ser mantida. É uma tradição que persiste, orgulhosamente para o futebol de São Paulo e para a glória do brasileiro. Dos 24 “azes” que irão à França defender o Brasil na “Taça do Mundo”, 12 são autênticos campeões e ídolos paulistas! Não importa, não quer dizer nada se a maior parte desses jogadores hoje estão ligados por contratos a clubes do Rio. O fato é que São Paulo foi e continua sendo o principal celeiro de “azes”, o maior centro técnico do futebol nacional. Cinquenta por cento, pois, da seleção brasileira é paulista. No longínquo 1914, quando pela primeira vez se organizou um quadro Rio - São

Paulo para lidar com os professores ingleses do “Exter City”, partiram da Paulicéia os bandeirantes daquela primeira grande conquista esportiva do Brasil: Rubens, Lagreca, Formiga e Friedenreich foram os artífices da heróica vitória sobre os britânicos! Estes não podiam julgar que aqui encontrariam um futebolista genial como Friedenreich! O passo inicial estava dado na iniciativa de se congregarem os melhores “azes” nacionais em defesa das cores verde-amarelas. ... E em 1919, no primeiro título sul-americano que o Brasil conquistou, no ano que muito bem pode figurar na história do Brasil, sem nenhum exagero, como o ano de “El Tigre”, já não foram 4 nem 5 os ídolos do “association” de São Paulo que defenderam as cores pátrias, foram 8! Atingiu o apogeu então o futebol brasileiro da primeira geração. Blanco, Sergio, Amílcar, Milton, Heitor, Friedenreich, Neco e Arnaldo constituíram a base de ferro da seleção! Já estava, pois, fixada a tradição ¹².

Após registrar a contribuição paulista no primeiro jogo disputado por um selecionado brasileiro, contra a equipe inglesa do *Exeter City*¹³, bem como na conquista do sul-americano de 1919¹⁴, Mazzoni analisa a equipe de 1938 e dá continuidade aos seus comentários de certa nostalgia acerca do papel do futebol paulista para o prestígio do futebol pátrio. Dentre as conquistas listadas, propositalmente não se encontra a Copa Rio Branco de 1932, onde a seleção foi formada, essencialmente, por jogadores que atuavam no Rio de Janeiro, daí também o paralelo insistentemente traçado nas páginas do *Jornal dos Sports* com essa conquista e a seleção de 1938. A rivalidade entre cariocas e paulistas se manifestava também no terreno da tradição, cada qual construindo uma narrativa que corroborasse o papel de relevo de um dos lados em disputa para a coroação do futebol brasileiro:

... Na situação atual, é sabido, perdemos cada vez mais os nossos campeões, mas o que importa termos em conta é que esses elementos são legítimos produtos da escola daqui, paulista é o seu temperamento esportivo, paulista é a sua técnica, estilo, disciplina e a sua classe. E, como vemos, o tempo passa, mas primamos sempre em quantidade e qualidade. A tradição ao invés de enfraquecer, fixa-se cada vez mais ¹⁵.

Muito embora divergindo quanto a que cidade corresponderia o papel de protagonismo no panteão das conquistas nacionais, os discursos dos mencionados cronistas convergiam na defesa incontestada da disciplina. Antes mesmo do início da preparação já era este o princípio que dava o tom no discurso não só da imprensa esportiva, como também dos principais dirigentes. Após o término de uma das primeiras reuniões que tratavam de questões relacionadas à organização do esporte nacional, o presidente da CBD¹⁶, Luiz Aranha, procurava deixar bem claro para a opinião pública o princípio que orientaria a campanha brasileira na Copa do Mundo da França: “Disciplina acima de tudo! A requisição dos jogadores obedecerá a uma orientação inicial: não serão convocados os *players* que fossem

julgados indisciplinados. Para isso serão consultados os antecedentes dos jogadores nos clubs e entidades”.¹⁷

Entretanto, este não era um discurso exclusivo da cúpula esportiva do país, e sim uma orientação que atendia ao clamor de parte importante da imprensa esportiva do Rio de Janeiro e São Paulo, que reclamava uma postura diferenciada não somente por parte dos jogadores como dos dirigentes, que seriam os responsáveis por incutir nos *players* uma nova mentalidade acerca de suas responsabilidades como representantes da nação:

*Precisamos antes de tudo convencer os dirigentes e os jogadores que sem uma rigorosa disciplina, sem aquela compenetração de deveres e espírito de sacrifício, dificilmente poderemos nos sair bem de uma empresa como é a “Taça do Mundo” ... A nossa boa participação não depende apenas de indicar a “trouxe mouche” um punhado de jogadores de renome e confiá-los ao seu destino, mandá-los a uma aventura apenas. Muito mais do que isso é necessário empreender*¹⁸.

Nas linhas desta coluna de Thomaz Mazzoni (que a assinava sob o pseudônimo de *Olimpicus*) se advertia acerca da seriedade que deveria revestir aquela campanha de modo a se evitar que todo o investimento empregado fosse desperdiçado por um péssimo papel realizado no estrangeiro pelos jogadores convocados. Os dirigentes e jogadores precisavam saber que não estavam indo à França a passeio, pois uma empresa de tamanho vulto – como já era considerada a Copa do Mundo – não poderia ser tomada como uma simples e descompromissada aventura.

Tais princípios acima advogados também iam ao encontro da política autoritária que caracterizava o governo Vargas e eram constantemente reafirmados pelo chefe da nação em seus discursos. Foi o caso, por exemplo, do pronunciamento por ocasião dos festejos da Independência, em 07 de setembro de 1936, onde Getúlio (VARGAS apud CORRÊA, 2009: 52) faz alusão à agitação política vivida no país por conta dos conflitos contra os opositores do regime, que ameaçariam o desenvolvimento ordeiro da nação: “... o Brasil é um país de ordem. Ordem e democracia que significam disciplina e liberdade, obediência consciente e acatamento ao direito. Repeliremos os surtos demagógicos, como não toleraríamos a tirania”.

Percebe-se em suas palavras a associação dos princípios de ordem, disciplina e obediência com os ideais de democracia e liberdade que, na prática, estiveram longe de caracterizar seu primeiro governo. Todavia, em oportunidades como aquela, Vargas dava o tom do discurso que deveria imperar nos diferentes setores da sociedade.

Numa perspectiva de disciplinarização e controle sobre os “representantes da pátria” nos estádios franceses, a convocação, além de critérios técnicos, deveria ser norteadada pelo padrão disciplinar exigido aos jogadores. No entanto, esse pressuposto poderia valer para aqueles jogadores considerados dispensáveis, não para craques como Domingos e Leônidas. Tanto o era que poucos dias após a divulgação da lista de jogadores que iniciaria o período de treinamento do selecionado, os destaques do Flamengo, ao lado do *half* Fausto¹⁹ e outros jogadores, se envolviam numa enorme confusão durante a excursão de seu clube à Bahia, para a disputa de alguns amistosos:

*A notícia chegada da Bahia não nos surpreende. Vários jogadores do Flamengo entre eles Domingos, Fausto e Leônidas, como bons ídolos futebolísticos da maravilhosa Guanabara, após o jogo de estréia do Flamengo na Bahia, deixaram o hotel e foram gozar sua popularidade na cidade, indo, depois para o ‘cabaret’. Durante a alegre noite os rapazes acabaram por se insultar e por se agredir mutuamente. Bonita cena! Domingos surrou os seus grandes amigos Fausto e Leônidas, interveio a polícia que foi desrespeitada e todos foram para a delegacia, sendo que Domingos foi recolhido ao xadrez! Fausto estava com trajes menores!!! Exemplar amostra de disciplina! ... Domingos, Fausto e Leônidas são nomes apontados para a seleção nacional que irá à ‘Taça do Mundo’! Com esse espírito disciplinar de ‘cabaret’, com essa mentalidade de ‘touriste’, com essa excelente demonstração de ‘camaradagem’, imaginem o que os Fausto, Domingos, Leonidas não irão fazer em Paris! ...*²⁰.

No entanto, este fora só o primeiro de outros episódios que polemizariam a campanha brasileira na Copa de 1938, colocando em atrito os nobres e elevados ideais que mobilizavam dirigentes, imprensa esportiva, Estado Novo e a compreensão por parte dos jogadores e torcedores do sentido daquele empreendimento. As manifestações registradas nas ruas das principais capitais do país durante e após os jogos do selecionado davam conta de que o que importava mesmo era o inédito e sonhado título mundial e não a demonstração de uma imagem disciplinada, ordeira e civilizada da nação no estrangeiro, através daquela seleção, como queriam os grupos dominantes. A celebração que marcara a dramática vitória na estréia contra os poloneses seria tão logo seguida pela insatisfação e revolta em face de possíveis erros de arbitragem contra o escrete brasileiro no empate com os tchecos, nossos adversários nas quartas-de-final. A atuação do árbitro húngaro Hertza – que expulsou o zagueiro Machado e o meia Zezé Procópio, anulou um gol de Perácio e ainda marcou o pênalti que garantiu o empate aos europeus – despertou a ira de muitos torcedores brasileiros, fato explorado – ainda que de forma exagerada e dramatizada – na matéria do *Jornal dos Sports* sobre o sentimento que envolveu a torcida durante e após a partida:

*42 milhões e tanto de inimigos pessoais! Eis o que o juiz húngaro arranhou no Brasil. Interessantíssimo seria fazer uma crônica sobre a emoção da cidade, durante a partida entre os brasileiros e os tchecos. Foi uma emoção enorme, a que ninguém se mostrou insensível, e que teve todas as manifestações, das mais ingênuas às mais desesperadas ... A serenidade era impossível. Cavalheiros importantes, 'granfinos' caracterizados, gente espiritual, pessoas profundas, criança de pé descalço, senhoritas, senhoras – todo mundo fez torcida franca, aberta, ostensiva, ruidosa. Fulanos que se supunham incapazes de matar uma mosca ou nutrir uma simples e trivial simpatia – tiveram pelo juiz uma dessas raivas implacáveis que vão ao crime*²¹.

Em tais circunstâncias, para a grande maioria dos torcedores brasileiros, não tinham a menor importância os tão apregoados valores morais que deveriam reger o comportamento de nossos jogadores em gramados internacionais. Ainda que o presidente Vargas fizesse questão de elogiar a postura dos atletas ao não se rebelarem, mesmo diante dos graves erros do árbitro daquele jogo, o que os torcedores gostariam de ter visto era uma atitude diferente de nossos *players* e dos chefes da delegação ante aquele episódio.

Contudo, após a vitória sobre os tchecos no já citado jogo-deempate, com grande atuação de Leônidas²², o adversário da semifinal seria a temida Itália. Em condições normais, já seria uma tarefa bem complicada vencer a atual campeã mundial, mas esta tão esperada partida apresentaria dois grandes empecilhos ao triunfo brasileiro, de acordo com o cronista Thomaz Mazzoni: a ausência de Leônidas, por conta de uma distensão muscular adquirida no confronto contra os tchecos; e a atuação do árbitro suíço Wuthrich, protagonista de um dos lances mais polêmicos do Mundial. Após um arremate a gol do atacante Ferrari, o seu companheiro Piola teria dado um pontapé no zagueiro brasileiro Domingos da Guia, ainda com a bola fora de campo. Antes que o goleiro brasileiro fizesse a reposição, Domingos revidou a agressão sofrida e o árbitro suíço não hesitou em marcar o pênalti contra o Brasil. Os jogadores brasileiros ficaram pasmos diante da marcação, mas não se estenderam em reclamações contra o árbitro da partida²³.

Nas ruas da capital da República, a tristeza pelo resultado final do jogo fora transpassada por um raio de esperança diante do boato que se espalhava de que o jogo estaria na iminência de ser anulado por conta dos erros de arbitragem, determinantes para o resultado final da partida. Propagando-se por milhares de torcedores, o boato ia ganhando cada vez mais o status de verdade e fato já consumado. Para os aficionados, nas ruas do Rio de Janeiro, o jogo estava anulado e a vibração era como se o Brasil tivesse conquistado a Taça do Mundo: “O delírio dos primeiros momentos quando se apresentava como positiva a notícia da

anulação foi indescritível. Vimos no Club Naval, todos os passageiros dos ônibus que largavam, erguerem-se como movidos num único impulso e vivarem os ‘cracks’ bradando: - Anulado o jogo! Viva o Brasil!”.

Nos cafés formavam-se grupos onde se lembrava que Leônidas poderia tomar parte num novo jogo, enquanto os cavalheiros mais bem informados eram crivados de perguntas. Em frente à redação do Jornal dos *Sports*, enorme multidão permaneceu muito tempo à espera de notícias, que infelizmente, porém, não corresponderam à expectativa da maioria, que ansiava pela anulação imediata do *match* ²⁴”.

As especulações não se confirmariam e, para a tristeza geral, o Brasil teria mesmo de se contentar com a disputa do terceiro lugar no certame internacional. Em Bordeaux, a seleção venceria a Suécia pelo placar de 4 a 2 e conquistaria a melhor colocação brasileira em mundiais até então. A delegação seria surpreendida no reencontro com os torcedores nas passagens por Recife, Salvador e Rio de Janeiro. Na capital federal, a organizada recepção - que para as autoridades políticas e esportivas deveria ser mais uma manifestação de controle social a incidir sobre os festejos da população carioca - não seria suficiente para abrandar as calorosas demonstrações de gratidão, paixão e revolta dos torcedores. Entretanto, a exaltação popular não se resumiu à adulação aos componentes da seleção. Mesmo os aplausos e gritos, que ecoavam durante todo o trajeto, conviviam com o sentimento que a Copa de 1938 havia deixado em muitos dos que acompanharam a trajetória brasileira: “A bordo do ‘Almanzora’ chegaram os jogadores brasileiros. Transportados em automóveis de admiradores, passaram em cortejo pela Avenida Rio Branco, onde se reuniam milhares de pessoas que gritavam: ‘Viva os campeões roubados!’. ‘Abaixo a FIFA!’” ²⁵. Para o Jornal dos *Sports*, tratou-se de uma resposta em grande estilo dada pelos torcedores às injustiças sofridas pelo escrete nacional em canchas francesas:

Absolutamente inédita a manifestação popular de ontem. Toda a cidade delirou. Os nossos ‘cracks’ foram recebidos com as glórias de autênticos campeões do mundo. Não importa o título oficial. Ou por outra: o título oficial não honraria tanto os nossos ‘cracks’, e não lhes daria uma emoção tão grata e profunda, como lhes deu a consagração de ontem. Mais vale ao nosso scratch ser campeão do mundo para a cidade do que para a FIFA ²⁶.

Para a imprensa esportiva, o que se viu e presenciou no Rio de Janeiro foi um verdadeiro carnaval fora de época, com direito até a confete e serpentina. Se antes do início do torneio clamava-se pela disciplina para a representação de uma “boa” imagem da nação no

estrangeiro (imagem essa desejada pelo Estado Novo), àquela altura, a vibração em tom de revolta das ruas contra a FIFA já não somente era aceita como estimulada. Muito mais que o pretexto da vez, o futebol emergia, naquela ocasião, como um rito de caráter ambíguo, momento privilegiado para a propagação de determinados valores dominantes (ordem, disciplina, civilidade), bem como para a ressignificação dos mesmos e sua rejeição. Ou seja, aquela ocasião tornou-se também oportuna para a ação criativa e reflexiva dos torcedores, para expressão de sua consciência e de visões de mundo diferenciadas, em relação ao que se pretendia afirmar a partir da Copa de 1938. Saudava-se o escrite nacional, fazia-se justiça ao futebol brasileiro; porém a justiça das ruas não viria de outro modo senão em forma de festa, uma festa digna de campeões mundiais. O selecionado brasileiro era festejado pelos torcedores, pouco importando o fato de que a taça e o título de campeão mundial não fossem reconhecidos pela FIFA.

O entusiasmo dos aficionados, alimentado pelas redações, já havia elegido e coroado o “campeão por direito” daquela Copa do Mundo, em mais uma demonstração de que, sob as aparentes feições harmoniosa, ordeira e disciplinada daquela campanha, os conflitos e negociações a respeito de sua representatividade e significado na associação entre futebol e nação não estiveram ausentes. Mais do que a apresentação de uma “boa imagem” da nação nos gramados europeus, os torcedores subvertiam o discurso oficial nas muitas manifestações registradas em diversos pontos do país, fazendo do futebol um ritual de questionamento da ordem vigente e dos princípios tão defendidos pelos grupos dirigentes, em uma sociedade profundamente caracterizada pelas marcas de um regime ditatorial.

Referências:

- ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.
- BOTELHO, André Ricardo Maciel. *Da geral à tribuna, da redação ao espetáculo. A imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1894 – 1919)*. 2005. 126f. Dissertação (Mestrado em História Comparada). Rio de Janeiro: UFRJ/Programa de Pós-Graduação em História Comparada.
- CAPRARO, André Mendes. *Identidades Imaginadas: Futebol e Nação na Crônica Esportiva Brasileira do Século XX*. Tese (Doutorado em História). Curitiba: Universidade Federal do Paraná (UFP), 2007, 381f.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

- CORRÊA, Denise Aparecida. *Os Governos de Getúlio Vargas (1930-1954) e a Educação Física Escolar no Estado de São Paulo: lembranças de velhos professores*. 2009. Tese (Doutorado em História), São Paulo, PUC-SP.
- FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (org.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. V.2 Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- RODRIGUES FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro* (4ª edição). Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- GONÇALVES JUNIOR, René Duarte. *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole*. 2008. 146f. Dissertação (Mestrado em História) Universidade de São Paulo (USP).
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro (trad.). 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues: o óbvio ululante, o Sobrenatural de Almeida e outros temas*. São Paulo: Educ/Fapesp, 2000.
- MAZZONI, Tomaz. *História do futebol no Brasil (1894-1945)*. São Paulo: Leia, 1950.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- SOUZA, Denaldo Alchorne de. *O Brasil entra em campo: estado, trabalhadores e imprensa na construção da identidade nacional através do futebol (1930-1947)*. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2002.

Fontes primárias:

Jornal dos *Sports* (RJ);
A Gazeta (SP);
Diário de Pernambuco (PE);

Felipe Morelli Machado
Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Bolsista CNPq, sob orientação da Prof(a). Dr. (a). Estefania Knotz C. Fraga.
E-mail: felipemachadopuc@hotmail.com

¹ Jornal dos *Sports*, 7 de junho de 1938.

² Nesta partida de estréia, Leônidas anotou 4 gols para o Brasil, incluindo o da vitória na prorrogação. Jornal dos *Sports*, 6 de junho de 1938.

³ Jornal dos *Sports*, 15 de junho de 1938.

⁴ Pela primeira vez as partidas do selecionado nacional na Copa do Mundo seriam transmitidas diretamente para o Brasil via rádio. Assim como ocorrera no sul-americano de 1936-7, disputado em Buenos Aires , a Rádio Club

do Brasil (PRA-3), emissora do Rio de Janeiro - sob patrocínio do Cassino da Urca, Jornal dos *Sports* e O Globo - adquiriu (por uma alta quantia, de cerca de 100 contos de réis por partida) os direitos de transmissão dos jogos do escrete brasileiro em tempo real para os principais estados do país. A irradiação seria redistribuída por cerca de 45 emissoras que compunham a Rede Nacional, através do programa “Hora do Brasil”. Jornal dos *Sports*, 10 de abril de 1938.

⁵ A de maior vulto neste propósito foi a “Campanha do Selo”, que consistia, basicamente, na emissão de selos numerados pela CBD que poderiam ser adquiridos por uma módica quantia de 500 réis por qualquer torcedor que desejasse se engajar na campanha brasileira, sendo toda a quantia arrecadada com a venda dos selos destinada ao custeio das despesas da delegação na disputa da Copa do Mundo. O torcedor que tivesse o número de seu selo sorteado teria como prêmio o direito a compor a delegação que seguiria rumo à França, com passagens de ida e volta e todas as despesas de hospedagem, alimentação e outras cobertas pela CBD. Jornal dos *Sports*, 24 de março de 1938.

⁶ O autor do gol, na derrota contra os iugoslavos, fora o avante Prego (apelido do tricolor João Coelho Neto, filho do famoso literato Coelho Neto, torcedor apaixonado do Fluminense), que também marcaria dois gols na vitória contra a Bolívia. Os outros dois gols da partida foram marcados por seu companheiro de ataque, Moderato, que substituíra Teófilo na ofensiva da seleção. Ver. DRUMOND, op. cit., p. 108.

⁷ Dentre os que assinaram contrato, estavam os jogadores do São Paulo (Luizinho, Armandinho e Waldemar de Brito), além dos atacantes Leônidas da Silva (Vasco da Gama) e Patesko (Nacional de Montevideú), reforçando assim o setor ofensivo da seleção. Cf. DRUMOND, op. cit., p. 117.

⁸ Leônidas da Silva foi o autor do gol brasileiro.

⁹ Dentre outras obras de menor repercussão escritas por Mario Filho a respeito de histórias do universo futebolístico, destacam-se: Copa Rio Branco de 32 (1943); Histórias do Flamengo (1945); Romance do *Foot-Ball* (1949); Copa do Mundo, 62 e Viagem em torno de Pelé (1963); O Sapo de Arubinha (organizada por Ruy Castro em 1994), dentre outras. Para mais informações, ver SOUZA, 2002: 210-211.

¹⁰ Diário de Pernambuco, 17 de junho de 1938.

¹¹ O contexto dos anos 1930 e 1940 - que define mais nitidamente esta construção - era extremamente propício para o surgimento de obras como “Casa-Grande & Senzala” e “Sobrados e Mucambos”, de Freyre, e “O Negro no Foot-ball Brasileiro” de Mario Filho, por acompanhar um processo de construção da identidade nacional, tão operacionalizada pelo regime varguista, além de partir do combate às teorias que apontavam para a inferioridade brasileira com base em nossa formação social - marcada pela mestiçagem, tomada sob o ponto de vista biológico como uma mistura de espécies que desencadearia a geração de um grupo estéril. Por conta disso, estariam os brasileiros impedidos de alcançar a civilização. A mestiçagem, a partir de Freyre, torna-se uma virtude brasileira e nosso diferencial (BOTELHO, 2005: 19).

¹² A Gazeta, 27 de abril de 1938.

¹³ Este primeiro jogo disputado pelo selecionado brasileiro ocorreu no ano de fundação da Federação Brasileira de Sports, em 1914. A partida contra o Exeter City fora disputada no dia 27 de julho, no campo do Fluminense, e terminaria com o triunfo brasileiro pelo placar de 2 a 0.

¹⁴ No que diz respeito à repercussão do triunfo brasileiro na final do Sul-Americano do Rio de Janeiro em 1919, contra os uruguaios, com gol de Fried, o choro *Um a Zero*, composto por Pixinguinha e Benedito Lacerda, originalmente sem letra e posteriormente letrada por Nelson Ângelo, é representativo daquele momento de consagração do futebol brasileiro e de *El Tigre*:

Um a Zero

...

Mas, numa jogada genial,

Aproveitando o lateral

Um cruzamento que veio de trás

Foi quando alguém chegou

Meteu a bola na gaveta

E comemorou (Pixinguinha, Benedito Lacerda e Nelson Ângelo)

(GONÇALVES JUNIOR, 2008: 51).

¹⁵ A Gazeta, 27 de abril de 1938.

¹⁶ A CBD fora oficialmente fundada em dezembro de 1916, com o intuito de unificar os esforços de representantes de oito estados brasileiros a respeito da organização do futebol no país. De acordo com o historiador Leonardo Pereira (2000: 145), a nova entidade, sediada no Rio de Janeiro, representava os esforços de pacificação capitaneados pelo então Ministro das Relações Exteriores, Lauro Muller, juntando as partes litigiosas da Federação Brasileira de Sports (fundada em novembro de 1915, no Rio de Janeiro) e da Federação Brasileira de Football (fundada no mês de setembro também de 1915, em São Paulo).

¹⁷ Jornal dos *Sports*, 8 de março de 1938.

¹⁸ A Gazeta, 1 de fevereiro de 1938.

¹⁹ Fausto era um dos jogadores de maior renome do rubro-negro carioca e do futebol brasileiro, que havia se destacado na Copa de 1930, disputada no Uruguai, sendo apelidado de “A Maravilha Negra” (PEREIRA. 2000: 313).

²⁰ A Gazeta, 23 de março de 1938.

²¹ Jornal dos *Sports*, 13 de junho de 1938.

²² Por conta do resultado, um jogo-desempate seria realizado com vitória brasileira pelo placar de 2 a 1, com gols de Leônidas e do extrema-direita Roberto para o Brasil. Com o resultado, a seleção chegava a uma inédita semifinal onde teria pela frente os atuais campeões mundiais, os italianos, então vencedores do mundial de 1934, disputado em seu próprio país. Jornal dos *Sports*, 15 de junho de 1938.

²³ O *center-forward* italiano Giuseppe Meazza converteria o penal, abrindo 2 a 0 a favor dos italianos. O Brasil ainda descontaria com o meia-ofensivo do Fluminense Romeu Pelicciari, mas o sonho da conquista do caneco acabaria por ali. Jornal dos *Sports*, 17 de junho de 1938.

²⁴ Idem.

²⁵ A Gazeta, 12 de julho de 1938, p. 8.

²⁶ Jornal dos *Sports*, 12 de julho de 1938.